

MULHERES, TRABALHO E RELAÇÕES DE GÊNERO NO RECIFE (1922 – 1926): CONQUISTAS E DESAFIOS.

Bruno Nery do Nascimento

Este artigo tem como objetivo analisar a crescente presença feminina nos espaços públicos, as funções de trabalho exercidas pelas mulheres e as tensões que essas situações causavam nas relações de gênero, durante os anos de 1922 e 1926, no Recife. Buscamos através desta análise aprofundar as reflexões sobre o papel esperado e os desejos das mulheres na sociedade da época, além das mudanças e permanências nas relações entre os gêneros.

Utilizamos o conceito de gênero a partir das reflexões da historiadora Joan Scott quando afirma que “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21). Desta forma, é possível desdobrar essas reflexões na análise de alguns elementos, como os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas a respeito do feminino e do masculino, dos conceitos normativos como um produto de conflitos e não como consensuais, a noção de uma representação binária calcada na noção de fixidez dos sexos e da construção de uma identidade subjetiva dos sujeitos históricos.

Pensamos também nas mulheres recifenses presentes neste artigo não de forma a-histórica ou acrítica, mas sim atentos à sua historicidade. Seguimos aqui a formulação de Linda Nicholson (NICHOLSON in PISCITELLI, 2004, p. 59), que afirma: Nessa proposta, não se trata de pensar em mulheres como tais, ou mulheres nas sociedades patriarcais, mas em mulheres em contextos específicos. Refletir e narrar o caráter relacional entre as mulheres e os homens do período significa buscar analisar de que forma elas atuaram e se relacionaram com as instituições e normas criadas no período estudado.

O RECIFE NO INÍCIO DOS ANOS 1920

O tempo e o espaço palco para este artigo são o Recife entre os anos de 1922 e 1926. A escolha por este recorte temporal se dá por ele ser marcado por intensas reformas urbanas e sanitárias, que permitiram a instalação de infraestruturas e a criação de espaços

públicos que permitiram à população e, particularmente, às mulheres, maior circularidade e sociabilidade. A capital pernambucana teve sua área de ocupação expandida; novos territórios em direção ao sul de sua capital foram ocupados, como o Pina e Boa Viagem; bairros a oeste do centro, mais distantes do porto, a exemplo do Derby, Torre e Madalena, receberam amplos investimentos em infraestrutura de iluminação, água, esgoto e pontes, também estimulando a especulação imobiliária e favorecendo os interesses do governo e da elite local.

A chefia do executivo estadual era exercida pelo governador Sérgio Loreto¹, que sob o signo da modernidade e do discurso médico-científico, buscou reorganizar os serviços de educação, higiene, saúde pública e assistência, mexendo com o cotidiano e os costumes da população. O Departamento de Saúde e Assistência (DSA) adquiriu papel central na administração estadual e a figura do médico Amaury de Medeiros ganhou destaque como diretor do Departamento e pela autonomia que tinha dentro da administração de Sérgio Loreto. Outros médicos assumiram Inspetorias ligadas ao Departamento e conjuntamente a Amaury de Medeiros defenderam práticas de cuidado com o corpo das mulheres, além de trabalharem junto aos legisladores na elaboração de regras e interdições no que se refere ao trabalho das parteiras e amas de leite². Os higienistas passaram a prescrever normas que iam do cuidado da casa ao cuidado com o corpo, intervindo nas vivências das mulheres. Eles viam a mulher como a responsável por cuidar da alimentação e higiene do lar e, assim, dos corpos de toda a família.

Em relação a representações sobre as mulheres em Pernambuco, a partir da década de 1920, o pré-natal, parto, aleitamento e a maternidade eram questões abordadas por instâncias públicas. Essas representações e cuidados com os corpos das mulheres surgiram durante um período em que se buscava a construção da nacionalidade, o combate às doenças e a inserção de princípios de higiene e saúde no cotidiano da

¹ Sérgio Teixeira Lins de Barros Loreto, nasceu no município pernambucano de Águas Belas, em 9 de setembro de 1870, trabalhou como funcionário dos Correios e formou-se em Bacharelado em Direito, pela Faculdade de Direito do Recife, em junho de 1892. Foi casado com Virgínia de Moraes Freitas Barbosa e teve dois filhos. Segundo Clóvis Beviláqua, Sérgio Loreto “desempenhou vários cargos no Espírito Santo, advogou no Rio de Janeiro e era juiz federal da seção de Pernambuco ao tempo em que a política o chamou administrar o seu estado natal, função que acaba de desempenhar, sendo eleito para a Câmara Federal. Sob o título de Trechos de Direito, publicou uma coleção de valiosos escritos. As suas sentenças eram sempre o resultado de meditação e a expressão da justiça” (BEVILÁQUA, 2012, p. 334).

² REGULAMENTO do Departamento de Saúde e Assistência do Estado de Pernambuco. Aprovado pelo decreto de n.º. 567 de 23 de maio de 1924. Recife: Sec. Tec. Da Rep. De Pub. Officiaes, 1924, APEJE.

população, a fim de evitar a mortalidade infantil e o nascimento de crianças, por exemplo, cegas ou sífilíticas. Novas imagens e discursos são criados sobre as mulheres, mães e seus corpos quanto à responsabilidade delas sobre a grande quantidade de crianças pobres pelas ruas, sobre as doenças que acometiam as crianças e o alto número de natimortos ou mortos até um ano de idade, que eram vistos como resultado do mau desempenho das mulheres enquanto mães. Não bastava apenas exercer a função biológica exclusiva de dar à luz; eram necessários conhecimentos científicos que garantissem o crescimento das crianças, evitassem as doenças e as mortes nos primeiros anos de vida e permitissem que as crianças crescessem dentro de um ambiente científico a fim de que fosse resolvida a questão social.

Dentro desse contexto, Flávio Weinstein Teixeira (in BARROS; REZENDE; SILVA (Org.); 2012) nos apresenta dois paradigmas básicos da modernidade *belle-époque-fin-de-siècle*: o estético e o sanitário/higienista. Pelo lado do aspecto sanitário/higienista, vimos os discursos e ações na reorganização dos serviços de higiene, saúde pública e educação estético; no aspecto estético, houve uma ampla reforma urbana empreendida pelo Governo Estadual que permitiu o embelezamento, a expansão e a ocupação de novas áreas da cidade, com a abertura de ruas, avenidas, construção de praças, pontes e aterros no Recife entre os anos de 1922 e 1926.

Entre as obras realizadas, a construção da Avenida Beira Mar, atual Avenida Boa Viagem é emblemática. Segundo a Revista de Pernambuco, em 1924 teve início a construção da Avenida Beira Mar. Ladeada por calçadas e providas de iluminação elétrica, proporcionava passeios à beira mar. Os postes da Tramways possibilitavam que os bondes elétricos circulassem nas novas áreas abertas ao sul da capital e eram interpretados como símbolos de elegância e majestade, de acordo com as linhas escritas pela Revista de Pernambuco³. Exaltava-se o fato de ser usado concreto armado, material inovador para a época, uma vez que custava menos e era resistente ao ambiente em que estava instalado, resistindo à maresia.

A construção da Avenida Beira Mar tornou-se um marco dentro da administração de Sérgio Loreto. Lê-se na Revista de Pernambuco o seguinte:

³ Uma visita à futura Avenida Beira-Mar. Algumas notas sobre esse grande melhoramento executado pelo Governo do Estado. *Revista de Pernambuco*. Ciencia, Arte, Política, Indústria. Recife, ano I, nº. I, 2 de julho de 1924, S/p.

Entre as obras realizadas pela atual administração a Avenida Beira Mar se destaca incontestavelmente e servirá para marcar bem o início de uma era nova em Pernambuco, o início de uma era em que se deixam de lado as iniciativas estreitas e se entra no terreno franco das largas realizações⁴.

Logo que os 4.993 metros da nova artéria são construídos e a nova área habitável da cidade é dotada de transporte público, energia e esgoto, a Avenida Beira-Mar passa a receber novas residências. Mais apartado do centro, à beira mar, o desenvolvimento desta área da cidade, higienizada e distante dos perigos existentes nos bairros centrais, representava um modelo de se viver, mas, sobretudo, um símbolo de distinção social

A abertura da via costeira contribui também para alterar os hábitos da população recifense. Os banhos de mar⁵ e os efeitos terapêuticos da água salgada já eram decantados nos escritos de Mário Sette, uma vez que os veraneios cada vez mais desempenharão um importante papel no convívio das pessoas que habitavam o Recife, pois após a praia durante o dia, a noite se tornou momento para os saraus e partidas. Sette destacou as vestes utilizadas por homens e mulheres na praia: esses resguardos de pudor, notadamente os trajes que não deixavam a nu nem o pescoço nem o tornozelo, davam, contudo, assunto aos comentários maliciosos e às censuras ásperas dos moralistas (SETTE, 1987, p. 29). Se nesta citação de *Anquinhas e Bernardas*, que toma como recorte temporal o período de transição do Império para a República, percebemos que a preocupação em torno do corpo era de resguardá-lo e não mostrá-lo, a sociedade recifense da década de 1920 já possuía outra relação com a praia e as vestes usadas neste espaço. No *Pina-Jornal* de 12 de setembro de 1925, um recuo maior nos pudores em relação ao corpo é apresentado.

Imagem nº. 1

⁴ A Avenida Beira Mar, *Revista de Pernambuco*. Ciencia, Arte, Política, Indústria. Recife, ano I, nº. 4, 18 de outubro de 1924, S/p.

⁵ Segundo Rita de Cássia Araújo: “No final da primeira metade do século XIX, quando se iniciou a campanha pela implantação do costume de banhos salgados nas grandes cidades brasileiras, e mesmo nas décadas seguintes, o Recife não dispunha de boas praias recomendadas aos banhos. Primeiro, tentou-se a fórmula transitória – espacial, histórica e culturalmente transitória – que foi a Barca de Banhos do Capibaribe. Depois, vieram as praias do Brum, Santa Rita e Cinco Pontas. Mas estas ficavam demasiadamente próximas ao centro urbano, não oferecendo condições ideais para a privacidade e o recato que os banhos das famílias de elite requeriam”. (ARAÚJO, 2007, p.436).



Fonte: Fotografia em preto e branco de banhistas na praia do Pina. Vultos que avultam. *Pina-Jornal*, Recife, 12 de set. 1925, p. 1. Lê-se: hora do banho na encantadora praia do Cassino, três criaturas divinas fazendo a gente perder a cabeça.

Sorridentes, de braços abertos, apresentando o posicionamento de braços e pernas que indicam estarem em movimento, essas três mulheres aparentam encontrar no banho de mar um momento de grande liberdade. Se a partir do relato de Sette, da transição do século XIX para o XX, os trajes não deixavam a nu nem o pescoço, percebe-se que no início do verão de 1925 coxas, tornozelos, braços e antebraços já se fazem visíveis, mantendo unicamente todo o tronco coberto. Se o corpo não é visto em sua totalidade, os trajes de banho insinuam, deixam ver ou antever, permitindo cada vez mais a imaginação sobre eles. Duas das personagens da foto, inclusive, pelo corte de cabelo, deixam à mostra a nuca. Certamente pelos trajes de banho não podemos classificá-las como melindrosas⁶; todavia, a partir do corte de cabelo e da forma pela qual se apresentam à sociedade, elas desafiam a hierarquização dos sexos, ao mesmo tempo em que pregam o nivelamento social (OLIVEIRA apud NASCIMENTO; MELO, p. 09), visto que se fazem fotografar desacompanhas pelos pais e irmãos, e frequentam este novo espaço de sociabilidade do

⁶ Segundo a descrição de NASCIMENTO; MELO (2015, p.10): “Todas elas tinham em comum a aparência bem trabalhada, os cabelos curtos com cortes “à la garçonnette” acabando nas orelhas e com a nuca raspada, a maquiagem forte, as saias pouco abaixo ou mesmo por cima do joelho, os lábios pintados de vermelho carmim e em forma de coração, a indiferença em deixar os braços à mostra, o fato de depilarem as pernas, de desenhar suas sobancelhas, usarem pequenos chapéus estilo *cloché* e sapatilhas de amarrar, demonstravam um comportamento diferenciado daqueles que se esperava a uma moça “comum” da época, pois fumavam, dirigiam, dançavam ritmos quentes, andavam frequentemente sem a presença masculina do pai, ou irmão, frequentando chás, magazines, confeitarias, cafés, e festas, além de ousarem lançar *flirts* insinuando-se aos homens”.

Recife, que é a praia. Este local propiciou, sobremaneira, que muitas mulheres tivessem a possibilidade de se fazer ver, desafiando os costumes de uma sociedade que se modificava, o que, para muitos homens, foi motivo para “perder a cabeça”.⁷

ESFERAS PRIVADA E PARTICULAR: DISCUSSÃO SOBRE O TRABALHO FEMININO

Ao passo em que a ocupação da cidade foi expandida territorialmente, áreas foram conectadas, vias de circulação construídas e linhas de meio de transporte implantadas, as mulheres ampliaram a conquista da circulação nos espaços públicos. Num processo que data da virada do século XIX para o XX, tendo uma relação direta com o novo regime republicano implantado, cada vez mais as mulheres⁸ que vivem no Recife do período em tela têm uma maior possibilidade de verem e serem vistas nas ruas, praças, parques e na praia, além de se inserirem no mercado de trabalho. Seja pela democratização do Recife, que os bondes de burros propiciaram seja pelas aproximações físicas e geográficas que os serviços de transportes favoreciam, na leitura de Arrais (1998, p. 68), uma nova realidade é apresentada às mulheres.

Uma nova realidade era também propiciada a partir da educação. A educação servia como um dos vetores para rerepresentar a mulher na sociedade, com consciência do seu corpo e saberes que iam da pedagogia à medicina, passando por técnicas comerciais e industriais que a habilitavam para o mercado de trabalho. Buscava-se aumentar o grau de instrução, formar mão de obra especializada, além de gerar a necessidade de consumo. Todo esse processo, no entanto, é permeado pela discussão dos limites impostos às mulheres no mundo do trabalho, bem como pela discussão da função moderna da maternidade.

Cursos de arte culinária, datilografia, corte e costura, ou seja, a busca por qualificar profissionalmente as mulheres recifenses dos anos 1920 nos revela preocupações de uma época.

⁷ Para Hugo Medeiros, as melindrosas exerciam atrativo irresistível sobre boa parte dos homens da época. MEDEIROS, Hugo Augusto Vasconcelos. Melindrosas e Almofadinhas: Relações de Gênero no Recife dos anos 1920. Revista Tempo e Argumento, UDESC volume 02, número 02 jul/dez. 2010. p. 107.

⁸ No período colonial e imperial as escravas de ganho circulavam sozinhas pelas ruas, as estrelas, ou seja, as prostitutas, também. No entanto, cabiam aos pais os cuidados com a circulação de suas filhas em áreas públicas, mesmo os pais de moças pobres, pois eles eram responsabilizados perante a justiça quando elas sofriam atentados à honra. Tratamos, portanto, de um contexto em que se vive um processo de urbanização e que mulheres das camadas média e alta também passam a frequentar os espaços públicos.

A quadrinha popular no século XIX, que definia o papel da mulher na sociedade, não fazia mais sentido:

Menina que sabe muito
É menina atrapalhada,
Pra ser mãe de família,
Saiba pouco ou saiba nada (*in* HAHNER, 2003, p.57)

No sentido desta leitura de maior conquista dos espaços públicos pelas mulheres, partimos do pressuposto de uma distinção entre as esferas pública e privada, não apenas restrita a ambiente doméstico e mundo do trabalho, mas também a própria aparição feminina nas ruas. Enquanto o lar era de domínio das mulheres, local onde elas seriam responsáveis pelos cuidados dos corpos e emoções dos membros da família, a rua estaria destinada aos homens, que exerceriam o trabalho profissional. É importante salientar que estes locais foram historicamente construídos, excludentes e repletos de simbologias e que, a partir do estudo de Scott, compreendemos que “o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças entre os sexos” (SCOTT, 1989, p.24), ou seja, as práticas conferidas ao que significa ser homem ou ser mulher necessitam ser desnaturalizadas, bem como é necessário conferir historicidade a elas.

Susan K. Besse (1999) registra que a partir da década de 1910 há um crescimento da participação das mulheres das camadas urbanas, tanto médias quanto altas, no mercado de trabalho brasileiro, em conjunto com as mulheres pobres que há tempos já desempenhavam funções laborais. Para a historiadora:

Isso era o resultado de uma associação de fatores: (1) a passagem gradativa da produção doméstica para o mercado e o conseqüente declínio do valor econômico do trabalho doméstico das mulheres; (2) a situação econômica precária da crescente classe média urbana, esmagada pelas altas taxas de inflação e pela pressão para consumir os produtos e serviços da economia de mercado que se expandia rapidamente; (3) a procura cada vez maior de funcionárias no setor de serviços; e (4) a adoção pelas próprias mulheres do valor burguês do trabalho, o que promovia seu desejo de maior autossuficiência econômica e realização profissional (BESSE, 1999, p. 143)

À medida em que o trabalho se tornava cada vez mais presente na vida feminina e que para exercê-lo, a rua e o espaço público necessitavam ser conquistados, são apresentados os conflitos e as tensões de uma dimensão sexuada das relações sociais.

Inicialmente porque “na rua pulsavam o desconhecido, os hábitos reprováveis, as paixões condenáveis, cujo controle escapavam à ordem familiar” (ARRAIS, Op. cit, p. 70) e, paralelo a esse pensamento, como seria possível as mulheres cumprirem sua missão de bastiões da estabilidade e moralidade da família, se estavam nos escritórios e nas fábricas em vez de estarem em casa? (BESSE, Op.cit. p.145). A sociedade se modificava, tanto quanto à maneira de pensar o trabalho quanto em relação a quem deveria exercer determinadas funções, e nessas mudanças os conflitos estavam constantemente presentes.

Senhoras e senhorinhas circulavam pela Rua Nova e demais espaços públicos vestindo tecidos mais leves, roupas com menos enfeites e sem enchimentos, cabelos e saias curtos. Entre os anos de 1922 e 1926 encontramos mulheres por toda a parte: nas ruas, bondes, cafés, bailes, teatros, cinemas, escolas, lojas, festas de igreja e nas fábricas. As mulheres trabalhavam como cigareiras, costureiras, datilógrafas, professoras, dentistas⁹, médicas, artistas¹⁰, parteiras, quitandeiras, cartomantes¹¹, empresárias e prostitutas. Entre os novos hábitos femininos destacava-se o flerte, exercício rápido de sedução, ao qual se dedicavam as mulheres nos mais variados espaços, embora seja garantido nos locais destinados ao footing, como na Rua Nova, ou nos parques e praças recém-criados. A prática dos esportes, como expressão civilizada de confronto entre rivais e de culto ao corpo, também atraía a presença feminina. Há registros delas assistindo corridas de cavalos, regatas no Capibaribe e jogos de futebol¹². Elas também

⁹ Na primeira página do Jornal A Tarde, de 04 de janeiro de 1923, é estampada uma fotografia de uma estudante da Escola de Odontologia do Recife com o seguinte texto: Senhorinha Maria do Carmo Silva, filha do coronel Basílio Silva, abastado comerciante na cidade de Sousa. É uma das mais estudiosas alunas da nossa Escola de Odontologia, onde vem fazendo um curso distinto à guisa de elevado apreço e estima no seio da sociedade recifense.

¹⁰ Teatro do Parque, Companhia Maria Lina -- Brandão Sobrinho. *A Noite*, 13 de mar. 1923.

¹¹ Cartomante Oriental, *A Noite*, 21 de fev. 1924, p.1 “Mme. Célia, profunda conhecedora dos mistérios do ocultismo; revela o segredo humano pela grafologia fisionômica e toda sina da pessoa pelo horos copo cabalístico, uma consulta só chega para conseguir a felicidade. Consultas todos os dias das 9 às 11 e de 2 às 6. Rua Duque de Caxias, 244”.

¹² Sob o título Recife elegante e um instantâneo de duas senhorinhas, a seguinte nota: duas encantadoras senhorinhas à saída de um campo de futebol, numa linda tarde de esporte. Recife elegante, *A Noite*, 3 de nov. 1923, p.1.

circulavam de bicicleta, nadavam no Pina e em Boa Viagem¹³ e praticavam ginástica nas escolas que frequentavam¹⁴.

Assim, este período é um período da História brasileira no qual cresce entre as mulheres a consciência de si e muitas delas passam a lutar por direitos em determinadas instâncias, visto que trabalhavam em jornais, revistas e associações filantrópicas, ao mesmo tempo em que ampliam sua atuação e reclamam direitos sociais e políticos (LUZ; NASCIMENTO, 2014, p. 04).

As mulheres passaram a instrumentalizar a participação delas nos espaços de disputa, tais quais imprensa, jornais e rádio. Essas mobilizações passaram a ocupar novos espaços, como, por exemplo, o movimento operário, a partir da criação de uma seção feminina. Contudo, a emancipação não foi uma das bandeiras do movimento operário. Afirmam as autoras, que:

Mesmo sem questionar a maternidade como a grande missão feminina, as mulheres ativistas, feministas ou não, terminaram por concorrer para romper com a naturalização da desigualdade e da diferença entre os sexos, com a dominação e com os privilégios dos homens (Idem, p. 25).

É de grande importância pôr em evidência o fato de que existem no debate em torno da participação feminina no mundo do trabalho questões de ordem social, uma vez que não era opção para boa parte das mulheres a escolha entre o trabalho ou o ócio, visto que o trabalho se impunha como maneira de sobrevivência. Mulheres das elites ou das camadas populares, cada uma a sua maneira e de acordo com os meios que dispunham, contribuíram na luta para amenizar as assimetrias sociais existentes entre os sexos. Por um lado, como solução conciliatória entre a participação cada vez mais efetiva das mulheres no mercado de trabalho e seus deveres familiares, houve a associação de determinadas profissões como extensão de seus papéis na família: enfermeira, visitadora, dentista e professora são representações desse modelo por excelência, bem como a

¹³ Na primeira página do A Noite, sob o título de “Cidade visionária”, uma variedade de fotos de senhoras e senhorinhas nos permite ver a difusão do hábito de banho de mar. Abaixo de uma dessas fotos, um pequeno poema cujo título é “Cedinho, na praia”. Lê-se: No banho, de manhãzinha, lindo banho, o da mulher! Foi ontem. Quando ela vinha, fez-se a aurora em rosicler. A Noite, 23 de out. 1923, p.1

¹⁴ Grupo Escolar João Barbalho, *Revista de Pernambuco*, Ciencia, Arte, Política, Indústria. Recife, ano 1, nº. 1, julho de 1924, S/p.

distinção entre trabalhos adequados ou perigosos às mulheres. O gênero serve para a constituição de feminilidades e masculinidades, ou seja, é a partir dos sexos que a sociedade projeta comportamentos, pois põe em evidência aspectos culturais e sociais, não apenas o dado biológico. Assim compreendemos como se constroem discursos a respeito de ofícios dignos para as mulheres e daqueles que ou não o eram ou as masculinizavam.

Também é significativo o emprego da mão de obra feminina nas empresas de pequeno, médio e grande porte, especialmente nos ramos têxtil¹⁵ e de cigarros no Recife no período estudado, sobretudo quanto à quantidade e à luta por meio de greves que as mulheres empreenderam buscando denunciar o arbítrio e a violência no interior das fábricas e questionar a política salarial. Assim vemos o anúncio da greve das “operárias da seção de emaçamento” da Fábrica Lafayette¹⁶. Às 10 horas da manhã do dia 08 de agosto de 1924, cerca de 120 operárias cruzaram os braços e abandonaram o trabalho “sem motivo plausível”, que mais adiante seria apresentado como uma luta salarial, uma vez que elas reivindicavam o aumento de duzentos e sessenta para trezentos e trinta réis para cada milheiro produzido. A tentativa de desqualificar a luta operária já fazia parte do discurso dos patrões e nesse caso não se fez diferente. Além da desqualificação, uma vez atendido o pedido de aumento, intensifica-se a fiscalização e o controle, pois “no intuito de regularizar o serviço e saber da capacidade de trabalho de cada uma de suas operárias, adotou uma nota nas suas bancas para ser registrado o serviço das mesmas”. Desta feita, as cigareiras se negaram a voltar ao trabalho. E a negativa continuou até um entendimento entre as partes que motivou as operárias a reassumirem seus postos. Porém, “a cabeça da greve, Maria Adelaide, mulher de maus bofes, por uma desinteligência ligeira, sacou de faca, tentando assassinar um dos empregados do estabelecimento”. Nesta narrativa a respeito da greve das cigareiras realizada pelo *A Notícia*, jornal situacionista, fica evidente na construção das características de Maria Adelaide uma tentativa de torná-la inábil em suas reclamações, já que tem sua inteligência posta em xeque, além de expor

¹⁵ Segundo Besse: A indústria têxtil do Brasil foi a única que desde o seu início, em meados do século XIX, empregou mais mulheres do que homens; mas as mulheres também eram empregadas na fabricação de roupas, chapéus, sapatos e outros produtos de consumo não-durável, tais como produtos alimentícios e bebidas, cigarros, vassouras e cestas, velas, sabão e fósforos, bem como diversos produtos de luxo. BESSE, Susan K. *Modernizando a Desigualdade: Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil 1914 – 1940*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p. 161, 162.

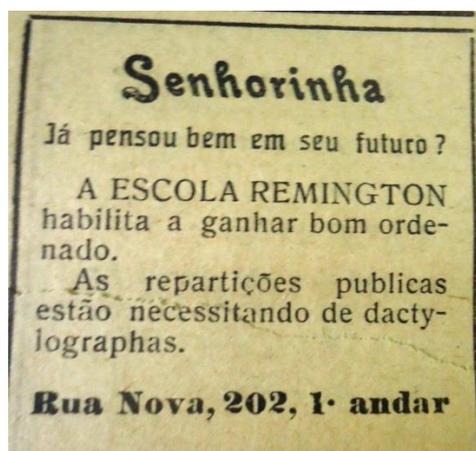
¹⁶ Greve na fábrica Lafayette. *A Notícia*. Recife, 09 de ago. 1924, p.1.

uma atitude reprovável vinda de uma mulher. Maria Adelaide não correspondia a uma imagem construída para aquilo que deveriam ser as mulheres: dóceis, amáveis, bondosas e educadas. Líder de uma greve, ela encarnava os valores forjados pelas elites comuns às camadas populares: falta de inteligência e educação, agressividade e impulsividade. Refém de suas emoções e irracional, Maria Adelaide de “cabeça do movimento” se torna “delinquente” poucas linhas depois e é presa. Ao passo em que a líder do movimento é enviada para a prisão, a fábrica Lafayette “no intuito de evitar quaisquer desatinos” é ocupada por forças da infantaria, buscando como solução para as reivindicações das trabalhadoras o uso de mais repressão, agora policial.

No caso da greve na fábrica Lafayette é perceptível que estas mulheres desafiavam estereótipos de gênero e sociais previamente formulados, e se mostravam de outra maneira à sociedade, questionando lugares socialmente impostos, reivindicando melhores salários e evidenciando aspectos conflitantes da vida social.

Diversos cursos aparecem na documentação pesquisada a fim de dotar as mulheres de conhecimentos específicos para a atuação profissional. É o caso da chamada para as senhorinhas se matricularem na Escola Remington.

Imagem nº.2



Fonte: Propaganda da escola Remington direcionada ao público feminino. *A Notícia*, Recife, 01º de ago. 1923, p. 1.

Questionando as senhorinhas a respeito das possibilidades abertas no futuro, esta escola oferecia cursos de datilografia indicando que as repartições públicas necessitavam

dessa mão de obra e que ofereciam um bom ordenado. No jornal *A Noite* de 12 de março de 1924, meses após o anúncio encontrado no *A Notícia* de 1º de agosto de 1923, há a permanência do anúncio da mesma empresa, mas com algumas adições. Além do trabalho como datilógrafa, a Escola Remington inclui a função de taquígrafa como mais uma possibilidade aberta às participantes do curso, com aulas diurnas e noturnas que teriam lugar a partir do dia 02 de janeiro de 1925, mas já com as inscrições abertas.

Em 18 de janeiro de 1923, ganhando destaque na primeira página do *Jornal do Recife*, estava o nome da senhorinha Lydia Gomes. Esta “inteligente senhorinha” havia sido diplomada professora na noite anterior pela Escola Remington. Essas possibilidades abertas no futuro, segundo a interpretação de Besse se dá num contexto em que:

As mudanças mais significativas no padrão de emprego feminino ocorreram no setor de serviços. O desenvolvimento de novas tecnologias e a expansão de órgãos do governo, empresas comerciais, serviços financeiros e comunicações proporcionou um número crescente de cargos de escritório de bom nível para as mulheres com instrução, da classe média e da classe baixa ascendente (BESSE, Op. cit., p. 163).

São tempos modernos quando as mulheres são chamadas para a qualificação profissional com a promessa de emprego e renda, o que acarretou mudanças e abalos nas estruturas sociais do período trabalhado, como, por exemplo, na relação das famílias com o casamento. A charge do *Jornal do Recife* de 26 de março de 1923 utiliza humor para apresentar as mudanças que novos saberes e oportunidades de trabalho operaram nas relações e anseios dos pais quanto ao futuro de suas filhas.

Imagem nº. 3



Fonte: Ingenuidades de hoje, *Jornal do Recife*, 26 de março de 1924, p.1. APEJE.

A charge apresenta um diálogo travado entre pai e filha, com a mãe de espectadora atrás da moça. O espaço onde ocorre esta conversa indica ser a sala de estar da casa, pois há a presença de uma poltrona, na qual a interlocutora do senhor está sentada, com o tronco inclinado para frente, indicando movimento em direção ao pai. Este, com o dedo em riste, inicia a conversa: “O Frederico pediu-me a tua mão em casamento”. Apresentando certa surpresa, mas ao mesmo tempo entusiasmo por conta do desenho apresentá-la levantando-se, a senhorinha retruca: “Somente? E papai deu?” O que é respondido pelo pai: “Não, senhora. Disse-lhe que estavas aprendendo datilografia e era impossível atendê-lo enquanto não tivesse as mãos muito ligeiras”.

A cena retratada na charge traz uma trama em que a compreensão dos sentidos da expressão “pedir a mão” são dúbios. No sentido conotativo, a cena representa a forma como eram realizados os pedidos de casamento: por iniciativa do pretendente, este deveria se dirigir ao patriarca da família para pedir sua filha em casamento. A ironia trazida pelo chargista mora na interpretação do “pedir a mão” no sentido denotativo, pois acreditaria o pai, em sua ingenuidade, que o tal Frederico estaria pedindo a mão da moça para outras atividades que não o casamento. Neste caso, a charge representa outro posicionamento possível das famílias e das mulheres diante do casamento surgido no período estudado,

uma vez que a aprendizagem de um ofício e as conquistas profissionais poderiam até mesmo chegar antes do casamento, ao mesmo tempo em que as relações entre homens e mulheres eram modificadas.

Outra empresa que desembarca no Recife durante este período, oferecendo cursos e possibilidades de atuação profissional para as mulheres no mercado de serviço é a Singer. Ofertando o motor elétrico, que poderia ser utilizado nas máquinas que a usuária já possuía, essa inovação oferecia vantagens “poupando-se tempo, energia física e dinheiro”. Ao passo em que se oferta o motor para a venda, a empresa também mantém em suas lojas “escolas para coser e bordar”. Aulas gratuitas eram ministradas por professoras diplomadas às interessadas nesse novo produto, que tinham aí possibilidades oferecidas pelas facilidades para costurar e bordar, bem como na oportunidade do domínio de uma habilidade capaz de ampliar ou oferecer retorno financeiro.

Imagem nº4



Fonte: Propaganda do motor Singer. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de dez. 1923, S/p.

Qualificar-se profissionalmente e se inserir no mercado de trabalho, seja trabalhando na própria casa, como no caso das costureiras, seja conquistando cada vez mais empregos em repartições públicas ou empresas privadas, trabalhando nos setores de serviços da indústria e dos serviços, significava gerar retornos financeiros que modificariam as relações sociais historicamente construídas.

Desta forma, recursos financeiros e aceitação social do trabalho feminino, fatores historicamente cerceados às mulheres, passam a estar mais disponíveis nas primeiras décadas do século XX, propiciando às mulheres entrar em sintonia com as mudanças

operadas em suas vidas, de modo a lhes permitir tomar iniciativas tais como participar da luta por direitos políticos e se posicionar de formas diferentes diante das relações pessoais há muito instituídas com maridos, pais e irmãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os melhoramentos urbanos e criação de novas vias, além de permitir maior circulação das mulheres na cidade do Recife nos anos iniciais da década de 1920 também possibilitavam maiores oportunidades de serem e serem vistas, o que em determinada instância ampliava os horizontes das possibilidades e anseios das habitantes da capital pernambucana. À medida em que estas conquistas do espaço público e ampliações no espectro de postos de trabalho se tornavam mais evidentes também dava condições cada vez mais efetivas para que as elas lutassem pela defesa da educação e direitos políticos.

É importante considerar, no entanto, que a inserção das mulheres em novas atividades do mercado de trabalho continuou a seguir, para as mulheres das camadas mais pobres, o aspecto de necessidade e sobrevivência, enquanto para as das camadas média e alta houve a incorporação do valor burguês de trabalho, ao se reprovar a ociosidade e atrelar ao suposto “parasitismo” feminino aspectos de uma cultura “atrasada”, que se deveria superar (FREIRE, 2009, p. 57).

Por fim, o período estudado também marca a passagem do que era esperado das mulheres modernas: o trabalho doméstico e o trabalho fora do lar, enfim, jornada dupla, sendo elas promotoras do equilíbrio familiar e do progresso do país.

REFERÊNCIAS

Periódicos (Acervo APEJE)

Jornal do Commercio. 1922 – 1926.

Jornal do Recife. 1922 – 1926.

A Notícia. 1923 – 1926.

Pina-Jornal. 1925.

Revista de Pernambuco. 1924 – 1926.

Livros e artigos

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007,

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. Recife, culturas e confrontos: as camadas urbanas na campanha Salvacionista de 1911. Natal: EDUFRN, 1998.

BARROS, Natália; REZENDE, Antonio Paulo; SILVA, Jailson Pereira (Orgs.). Os anos 1920: histórias de um tempo. Recife: Editora Universitária, 2012.

BESSE, Susan K. Modernizando a desigualdade: Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil 1914 – 1940. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BEVILÁQUA, Clóvis. História da Faculdade de Direito do Recife. 3. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012

FREIRE, Maria Martha de Luna. Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

HAHNER, June Edith. Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850 – 1940. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

LUZ, Noemia Maria Queiroz Pereira da; NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. O debate em torno da emancipação feminina no Recife (1870 – 1920). Cad. Pagu, Campinas, n.42, jun. 2014.

MEDEIROS, Hugo Augusto Vasconcelos. Melindrosas e Almofadinhas: Relações de Gênero no Recife dos anos 1920. Revista Tempo e Argumento, UDESC volume 02, número 02 jul/dez. 2010.

NASCIMENTO, A.C; MELO, Alexandre. V.S. Melindrosas em revista: gênero e sociabilidades do início do século XX (Recife, 1919 – 1929). In: História Revista (online), v. 19, p. 6-20, 2015.

PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do gênero e feminismo. COSTA, Claudia de Lima e SCHMIDT, Simone Pereira (orgs.) Poéticas e políticas feministas. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Gender and the politics of history. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York, Columbia University Press, 1989.

SETTE, Mário. Anquinhas e Bernardas. Recife: Fundarpe, 1987.

Documentos impressos

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

REGULAMENTO do Departamento de Saúde e Assistência do Estado de Pernambuco.
Aprovado pelo decreto de n.º. 567 de 23 de maio de 1924. Recife: Sec. Tec. Da Rep. De
Pub. Officiaes, 1924,